

**Veículo:** *Valor Econômico*

**Data:** 04/08/2004

**Autor:** Raquel Landim

## **Para FHC, governo Lula erra ao não dar prioridade ao mercado americano**

Em uma crítica indireta à política externa do governo Lula, de buscar novos mercados e estreitar as relações com os países emergentes, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso defendeu ontem que os Estados Unidos são o mercado que mais interessa ao Brasil.

"O mercado que qualitativamente mais interessa é o americano. Não dá para imaginar que podemos substituir esse mercado por outros emergentes", disse Fernando Henrique. "A China é boa companheira para comprar soja e aço. Mas daqui há pouco vão estar competindo conosco".

Os comentários foram feitos no seminário "Perspectivas das Relações entre Brasil e EUA", que aconteceu, ontem, em São Paulo, no Instituto Fernando Henrique Cardoso. Também participou do encontro o novo embaixador dos EUA no Brasil, John Danilovich.

FHC justificou sua posição, afirmando que EUA, América Latina e Canadá são os principais compradores de produtos manufaturados brasileiros. Logo, não é possível substituir esses mercados por China ou pela Índia. "A China produz manufaturas. Tem um problema parecido com o nosso", disse.

Para o ex-presidente, a melhor relação com os EUA é a de não-agressão. "Atritar globalmente com os EUA é perder", disse. Em sua opinião, é necessário defender os interesses brasileiros dentro de um marco de confiança. "Quanto menos interesse despertarmos nos Estados Unidos, melhor. Não sou favorável a ter o Brasil no debate", disse, referindo-se a temas como energia nuclear ou Iraque.

FHC criticou o esforço brasileiro de se tornar membro do Conselho de Segurança da

Organização das Nações Unidas (ONU). Ele acredita que trata-se de uma demanda natural do país, mas que é necessário uma reforma ampla do conselho. "Ou então vamos ficar numa posição incômoda. Precisamos crescer mais para depois aparecer".

Em um dos raros momentos de convergência entre a política externa da administração anterior e a do governo atual, Fernando Henrique ressaltou que o multilateralismo deve ser uma prioridade para o Brasil, dada a diversidade de destino de suas exportações. "É importante o que aconteceu em Genebra. É preciso ver a negociação de um âmbito amplo, porque isso nos dá margem de manobra".

Para FHC, o avanço na Rodada Doha terá impacto positivo nas negociações do Acordo de Livre Comércio das Américas (ALCA), já que muito do que ia ser discutido, como subsídios, foi transferido para o multilateral. Ele criticou, no entanto, a abordagem da "Alca light", acertada por Brasil e EUA. "A Alca virou um mecanismo de fazer acordos bilaterais".

John Danilovich também acredita que as negociações em Genebra devem influenciar de forma positiva à Alca. "Apesar de não haver uma correlação direta, há um impacto positivo na força e no comprometimento dos negociadores", diz. Em seu discurso, o novo embaixador dos EUA no Brasil afirmou que "apóia entusiasticamente a Alca". Danilovich foi um dos negociadores diretamente envolvidos no acordo dos EUA com os países da América Central.

Para o embaixador, a relação entre Brasil e EUA é "robusta e forte". Prova disso seria o contrato fechado pela Embraer como fornecedora do Pentágono. Ele classificou a sobretaxa imposta pelos EUA para as importações brasileiras de camarão como um "problema complicado". Mas garantiu que o caso ainda se encontra em uma fase preliminar.